

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS
CURSO DE LETRAS - HABILITAÇÃO EM PORTUGUÊS E INGLÊS**

Mariana de Camargo

**CATHERINE EARNSHAW E NELLY DEAN: GÊNERO E CLASSE SOCIAL EM “O
MORRO DOS VENTOS UIVANTES” DE EMILY BRONTË**

**Sorocaba/SP
2023**

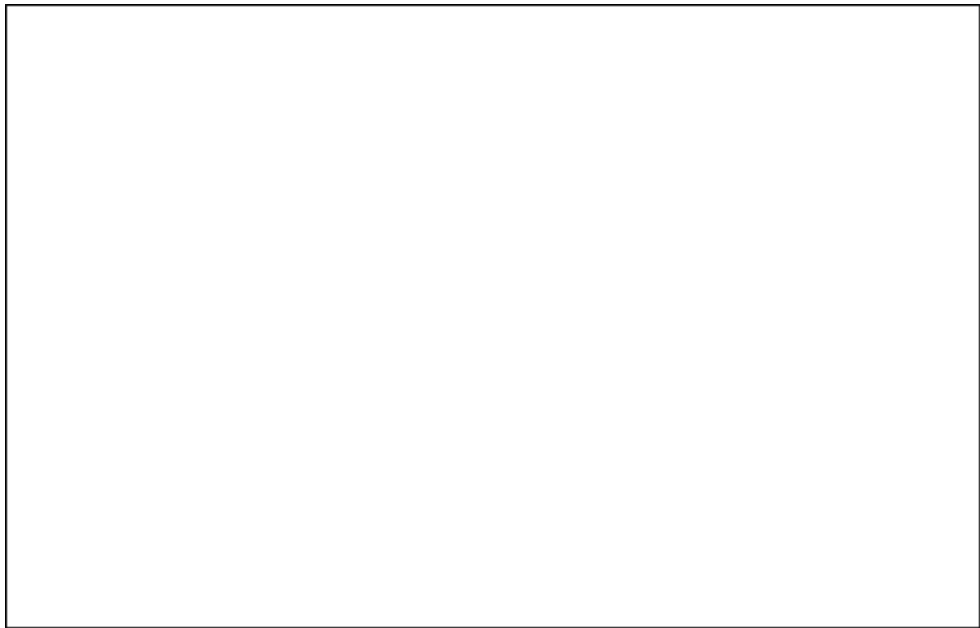
Mariana de Camargo

CATHERINE EARNSHAW E NELLY DEAN: GÊNERO E CLASSE SOCIAL EM “O MORRO DOS VENTOS UIVANTES” DE EMILY BRONTË

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do Diploma de Graduação em Letras - Habilitação em Português e Inglês, da Universidade de Sorocaba..

Orientador: Profa. Dra. Daniela Aparecida Vendramini Zanella

**Sorocaba/SP
2023**



Mariana de Camargo

CATHERINE EARNSHAW E NELLY DEAN: GÊNERO E CLASSE SOCIAL EM “O MORRO DOS VENTOS UIVANTES” DE EMILY BRONTË

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado como requisito parcial para
obtenção do Diploma de Graduação em
Letras - Habilitação em Português e
Inglês, da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: : ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

Prof.(a) Dra. Daniela Aparecida Vendramini Zanella
Universidade de Sorocaba

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me permitir concluir mais essa etapa.

Agradeço aos meus pais pelo apoio incondicional, pelas palavras de conforto e por sempre segurar minha mão nos momentos de crise. Papai, o lado otimista da Força, e Mamãe, companheira de risadas e fã nº 1 do Heathcliff.

Agradeço também à minha orientadora, Profa. Daniela, pela dedicação e apoio prestados nos últimos meses.

Out on the wily, windy moors
We'd roll and fall in green
You had a temper like my jealousy
Too hot, too greedy
How could you leave me
When I needed to possess you?
I hated you, I loved you, too
Kate Bush, *Wuthering Heights*

RESUMO

A obra “O Morro dos Ventos Uivantes”, publicada em 1847, pela poetisa e romancista inglesa Emily Brontë é objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, por apresentar temas complexos e personagens bem construídos. O livro traz uma teia de personagens envoltos em temas essencialmente góticos misturados com questões sociais daquele contexto, permitindo, assim, inúmeras interpretações e estudos. O presente projeto tem por objetivo geral entender as personagens Catherine Earnshaw e Nelly Dean, da obra “O Morro dos Ventos Uivantes”, sob as óticas de classe social e gênero; como objetivo específico busca compreender como a classe social e as condições de gênero estão presentes na construção de ambas e influenciam suas relações e também qual ótica prevalece em determinadas situações. Para sua realização, utilizamos materiais dos estudos bakhtinianos de Análise do Discurso por Beth Brait (2006), Análise de Classe Social com base nos estudos de Terry Eagleton (2005), de Literatura Feminina através de ensaios e outros escritos de Virginia Woolf (2019), e análises aprofundadas de pesquisadores dedicados à obra de Brontë. Espera-se, com esta pesquisa, entender como as questões de gênero e classe social estão presentes na construção das duas personagens e como influenciam suas relações e qual ótica prevalece para cada personagem.

Palavras-chave: O Morro dos Ventos Uivantes. Emily Brontë. Personagens. Gênero. Classe Social.

ABSTRACT

The book “Wuthering Heights”, published in 1847, by the English poet and novelist Emily Brontë is an object of study in several areas of knowledge, for presenting complex themes and well-built characters. The book brings a web of characters wrapped in essentially Gothic themes mixed with social issues of that context, thus allowing numerous interpretations and researches. This project has the general purpose of understanding the characters Catherine Earnshaw and Nelly Dean, from “Wuthering Heights”, through the perspective of social class and gender; as a specific purpose, it aims to understand how social class and gender conditions are present in the construction of both characters and influence their relationships and also which perspective prevails in certain situations. For its realization, we used materials from Bakhtinian studies of Discourse Analysis by Beth Brait (2006), Social Class Analysis based on the studies of Terry Eagleton (2005), Women’s Literature through essays and other writings by Virginia Woolf (2019) and in-depth analyzes by researchers dedicated to Brontë’s work. This research aims to understand how gender and social class issues are present in the construction of the two characters and how they influence their relationships and which perspective prevails for each character.

Keywords: Wuthering Heights. Emily Brontë. Characters. Gender. Social Class

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	EMILY BRONTE E A MULHER ESCRITORA DO SÉCULO XIX	11
3	CATHERINE E NELLY EM CONTEXTO: UM RESUMO DE “O MORRO DOS VENTOS UIVANTES”.....	16
4	METODOLOGIA.....	20
4.1	Perspectiva dialógica	20
5	AS RELAÇÕES DE CLASSE SOCIAL NAS PERSONAGENS CATHERINE EARNSHAW E NELLY DEAN.....	23
6	O MORRO DOS VENTOS UIVANTES SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO ..	31
7	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	37
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1 INTRODUÇÃO

Desde a sua publicação em 1847, a obra *O Morro dos Ventos Uivantes*, da romancista e poetisa britânica Emily Brontë, tem sido objeto de estudos e análises de diversos aspectos. Uma das obras mais importantes da Literatura Inglesa do Século XIX, o livro se destaca por tratar de temas essencialmente góticos como obsessão, morte e aparições sobrenaturais junto com assuntos de cunho mais realista, como diferenças sociais. Ao longo dos quase 180 anos desde sua publicação, o único romance de Emily Brontë continua suprindo interpretações até mesmo fora do campo da Literatura, inspirando estudos na área da psicanálise e sociologia.

Esta pesquisa traz a perspectiva de classe social e gênero em “*O Morro dos Ventos Uivantes*”, a partir das personagens Catherine Earnshaw e Nelly Linton. Catherine vem de uma classe social mais alta e apesar de pertencer a uma família decadente, tem o objetivo e a possibilidade de conseguir um casamento que beneficie seu *status* social, sendo também desejada por dois homens diferentes. Nelly Dean, por sua vez, apesar de não ser tão mais velha que Catherine, tem uma vida limitada a servir: a personagem transita de maneira natural nas posições de criadagem da casa e sua existência se limita em orbitar os núcleos dos Earnshaw e posteriormente, dos Linton. Todavia, mesmo com condições sociais tão distintas, as duas mulheres ainda estão sujeitas ao papel feminino imposto em sua época, cada uma à sua maneira.

A presente pesquisa, inserida na linha de pesquisa do curso de Letras - Literatura - tem por objetivo geral é entender duas personagens da obra “*O Morro dos Ventos Uivantes*” sob as óticas de classe social e gênero; como objetivo específico busca compreender como a classe social e as condições de gênero estão presentes na construção de ambas e influenciam suas relações e também qual ótica prevalece em determinadas situações. Através desta pesquisa, buscamos responder às seguintes perguntas:

1. Como ambas as personagens, inseridas no mesmo contexto, mas em situações distintas, são influenciadas pelas questões de gênero e classe social?

2. Qual ótica prevalece para cada personagem ao longo do desenvolvimento da obra?
3. Como as questões de gênero e classe social permeiam a construção e o contexto das personagens?

O presente trabalho contribui para a área de Letras ao trazer uma análise, através de uma obra literária de máxima importância, da realidade das mulheres europeias do século XVIII e XIX, e entender, inclusive como a escritora Emily Brontë colocou seu conhecimento de vida ao construir o universo de seus personagens. Desse modo, espera-se estudar de maneira profunda os aspectos da obra que refletem nessas duas personagens e na sua existência. Para tal, esta pesquisa analisa de maneira crítica e profunda as questões de classe social e gênero, ampliando a compreensão de uma obra de Literatura Estrangeira nos aspectos literários, históricos e sociais.

2. EMILY BRONTE E A MULHER ESCRITORA DO SÉCULO XIX

Conforme contextualiza Lacerda (2016), Emily Brontë nasceu em 1818, a quinta filha de Patrick Brontë e Maria Branwell. Apesar de não ser uma família abastada, os Brontë tinham condições razoavelmente confortáveis, que possibilitaram que os filhos pudessem ser educados em instituições, ainda que não conseguissem manter todos estudando de uma só vez. A família foi abalada pela morte da matriarca e das duas filhas mais velhas ainda crianças, restando Emily e seus irmãos Charlotte, Branwell e Anne. Os quatro irmãos cresceram rodeados de inspiração literária e passaram a infância criando narrativas em universos fantásticos próprios, o que influenciou o restante de suas vidas. É de conhecimento geral que as três jovens Brontë colocaram seus nomes na história da literatura inglesa.

Porém, antes de publicar sua obra, Emily passou um período, junto de Charlotte, em um pensionato belga, pagando a estadia atuando como tutora. Nessa época, a jovem Emily chamou atenção do pedagogo diretor da instituição, Constantin Héger, que descreveu suas impressões sobre a moça: “Ela deveria ter nascido homem - um grande navegador. [...] Tinha cabeça para lógica e uma capacidade de argumentação pouco usual em um homem, que dirá numa mulher” (HÉGER, 1842 *apud* LACERDA, 2016, p. 9). A visão preconceituosa de Héger ilustra muito bem as dificuldades que uma mulher escritora no Séc. XIX tinha de passar e que com Emily e suas irmãs não foi diferente.

Apesar da tradição literária feminina no século XIX ser amplamente reconhecida hoje em dia, os obstáculos enfrentados pelas escritoras também é de vasto conhecimento do público. A desvalorização da literatura feminina e o constante pensamento de inferioridade das mulheres, conforme visto com a citação de Héger, tornavam a jornada das escritoras muito mais sinuosa do que seus contemporâneos masculinos. Muitas escritoras seguiam a tradição masculina por ser a única existente e se aproximavam dos homens em conteúdo e forma, como método de obter espaço no meio editorial, mas também de obter reconhecimento do público (DIAS, 2011).

Com esse pensamento em mente, não é raro as biografias de escritoras relatarem o uso de pseudônimos masculinos ou que a publicação foi feita sem

mencionar o nome real da escritora. George Elliot, cuja identidade verdadeira era Mary Ann Evans é o caso mais significativo a servir de exemplo. Jane Austen assinou algumas publicações como *by a lady* [por uma dama] ou simplesmente “pelo autor de Orgulho e Preconceito”. As irmãs Brontë, com o intuito de obterem uma crítica imparcial, utilizaram nomes neutros, que o leitor da época aceitaria naturalmente como masculino; Charlotte, Emily e Anne Brontë escreveram sob os pseudônimos de Currer, Ellis e Acton Bell. Sobre isso, Charlotte escreveu:

A vezes à publicidade pessoal, cobrimos nossos verdadeiros nomes sob Currer, Ellis e Acton Bell; a escolha ambígua foi ditada por uma espécie de escrúpulo de consciência em assumir nomes cristãos positivamente masculinos, enquanto, por outro lado, não queríamos nos assumir como mulheres, pois - sem suspeitamos, na época, que nosso jeito de escrever e pensar não era o que se costuma chamar de “feminino” - tínhamos uma vaga impressão de que as escritoras estavam sujeitas a olhares preconceituosos; havíamos notado o quanto os críticos costumavam castigá-las usando a arma da identidade sexual, ou recompensá-las com a bajulação, que não é um elogio verdadeiro (GASKELL, 1870 *apud* LACERDA, 2016).

Os pseudônimos masculinos davam maior liberdade às escritoras, que se afastavam dos assuntos considerados menores aos quais suas mães e avós tinham sido submetidas (GILBERT e GUBAR, 1984 *apud* DIAS, 2011, p. 23).

Conforme Lacerda (2016), as três jovens Brontë iniciaram suas jornadas literárias publicando conjuntamente, utilizando os pseudônimos um livro de poemas no ano de 1846, que teve somente duas cópias vendidas, mas recebeu alguns elogios da crítica. Posteriormente, dedicaram-se à publicação de seus romances e, em 1847, O Morro dos Ventos Uivantes foi publicado junto de Agnes Grey, de Anne Brontë, ainda sob os pseudônimos anteriormente utilizados. O romance foi duramente criticado, visto com repulsa e incompreendido, ao contrário de Jane Eyre, de Charlotte Brontë, que desde o princípio recebeu críticas positivas e foi considerado um sucesso.

Dias (2011) ressalta que as três irmãs tinham vidas domésticas simples, em certos momentos exercendo funções como governantas e tutoras, mas ainda assim muito conectadas ao lar e não há muitos relatos sobre suas vidas amorosas, principalmente de Emily, uma jovem extremamente tímida e retraída; sabe-se que Charlotte casou e Anne teve interesse em um assistente de seu pai. No entanto, mesmo sem experiências amorosas, as irmãs criaram narrativas de amores intensos e brutais, em cenários mórbidos que atuavam como personagens da história. Uma

das passagens mais marcantes de *O Morro dos Ventos Uivantes* refere ao modo como a protagonista, Catherine Earnshaw descreve seu amor por Heathcliff para a governanta Nelly: “Nelly, eu sou Heathcliff! Ele está sempre, sempre em minha mente. Não como fonte de prazer, não mais do que sou uma fonte de prazer para mim mesma, mas como meu próprio ser.” (BRONTË, 2016, p. 111). Essa passagem é um exemplo clássico da intensidade da relação retratada por Emily em seu romance, e é perceptível, ao analisarmos sua biografia, que os eventos por ela narrados muito diferem da vida que conhecia.

Sobre a experiência das escritoras, Virginia Woolf (2019, p. 12) sublinhou :

E esses romances do século XIX, embora sejam tão extraordinários, foram profundamente marcados pelo fato de as mulheres que os escreveram serem excluídas, por seu sexo, de certos tipos de experiência. É indiscutível que a experiência exerce grande influência sobre a ficção.

[...]

Todavia, *Orgulho e preconceito*, *O morro dos ventos uivantes*, *Villette* e *Middlemarch* foram escritos por mulheres forçosamente privadas de toda experiência que não fosse a passível de ser encontrada numa sala de visitas da classe média.

É certo que o conhecimento destes sentimentos intensos veio através da bagagem literária baseada majoritariamente na tradição masculina - a única tradição existente na época. Dias (2011, p. 43) explica que:

As irmãs Brontë criaram heroínas em busca de uma identidade, de individualidade, e de uma vida de independência em vários aspectos, mas acima de tudo, criaram (anti-)heróis-amantes, opostos ao padrão romântico da época.

Tal construção de personagem foi muito questionada, especialmente por não encaixar nos padrões de escrita feminina, o que remete ao relato anteriormente mencionado feito por Charlotte Brontë justificando os pseudônimos.

Outro ponto a ser destacado, que é o objetivo da presente pesquisa, é a relação de classe social e as condições impostas às personagens femininas criadas por Emily Brontë. Na obra, as mulheres que recebem destaque são: Catherine Earnshaw, Nelly Dean, Catherine Linton e Isabella Linton, todas entrelaçadas pela teia de tragédias que espregueia o enredo e todas submetidas às situações absurdas e

intensas que influenciam suas vidas e, em alguns dos casos, trazem um final avassalador.

A posição social das personagens muda em muitas passagens do livro, por influências externas a elas, mas com consequências diretas em suas vidas. Emily Brontë, em diversas passagens da obra, expõe a diferença social e a relação de status que orbita as personagens, bem como não esconde as consequências sofridas exclusivamente pelo gênero. Nelly Dean e Catherine Earnshaw, objetos deste estudo e personagens cujo destaque é maior na obra, exemplificam muito bem estas questões.

Nelly, a criada, cuja existência se resume ao seu trabalho, e que parece ser quase propriedade da família Earnshaw, muda de função naturalmente em decorrência das necessidades de seus patrões (EAGLETON, 2005, p. 105 *apud* GAMBAROTTO, 2016, p.92), conforme demonstra-se na seguinte fala de uma das criadas da família, após o nascimento de uma das crianças: “ Você vai ter que cuidar do bebê, Nelly. [...] Queria estar no seu lugar, porque ele vai ser todo seu quando a patroa se for” (BRONTË, 2016, p. 92).

Catherine, por sua vez, tem seus desejos de manutenção de status social expostos em uma conversa na qual revela não poder se casar com Heathcliff, seu irmão adotivo que passou a ser tratado como criado após a morte de seu pai. Na conversa, que tem com Nelly, a jovem lamenta:

Não tenho mais motivos para me casar com Edgar Linton do que para estar no céu, e se aquele homem perverso lá dentro não tivesse feito Heathcliff descer tanto, eu não teria pensado nisso. Mas agora eu iria me degradar tanto se me casasse com Heathcliff, de modo que ele nunca vai saber o quanto eu o amo... (BRONTË, 2016, p. 109)

Assim, percebe-se que a construção das personagens de Emily Brontë se dá de maneira complexa e detalhada, refletindo não somente suas experiências, mas todo o contexto da sociedade em que se encontrava. Emily nunca se casou, mas sabia da necessidade de jovens mulheres de encontrar um bom marido para ter uma vida estabilizada; sua família não era abastada, mas ela tinha conhecimento das relações de criadagem da Inglaterra daquele período para detalhar a dependência que os Earnshaw tinham de Nelly, e por isso, sua obra ultrapassa a importância literária.

Emily Brontë faleceu aos 30 anos de idade, pouco depois de seu irmão, Branwell, após contrair tuberculose. Ao morrer tão jovem, Emily não tomou conhecimento de que deixou, além de uma obra poética relativamente reconhecida, um dos romances mais influentes da Inglaterra do século XIX. Conforme leciona Dias (2011, p. 45):

As irmãs Brontë, portanto, contribuíram de forma decisiva para o reconhecimento de uma tradição literária de mulheres escritoras que alterou profundamente os rumos da literatura e, conseqüentemente, do tradicional e patriarcal cânone ocidental.

Em suma, a experiência de Emily Brontë e suas irmãs como jovem escritora em um período em que as mulheres ainda conquistavam incipientemente espaço no meio literário, mesmo com diversos obstáculos, denota um ponto crucial na criação de uma tradição literária essencialmente feminina. Mesmo que o foco de sua narrativa não fosse a condição da mulher, sua experiência como tal não deixa escapar tais análises e demonstra a suma importância de sua obra. Emily Brontë trouxe através de suas palavras uma ruptura do estado patriarcal e uma nova visão de mundo para as mulheres.

3. CATHERINE E NELLY EM CONTEXTO: UM RESUMO DE “O MORRO DOS VENTOS UIVANTES”

Emily Brontë inicia a narrativa de “O Morro dos Ventos Uivantes” no ano de 1801, com a chegada do Sr. Lockwood, narrador dos eventos, arrendatário da propriedade de Thrushcross Grange, no casarão onde vive Heathcliff, proprietário também das terras arrendadas. Lockwood ingressa no clímax de uma história que se iniciou muito tempo antes, mas que ele só vai tomando conhecimento aos poucos, assim como o leitor da obra, ao conhecer os hábitos rudes de seu senhorio e a família disfuncional que ali vive, resumida em Heathcliff, o jovem Hareton e Catherine, apresentada como nora de Heathcliff; todos estes personagens demonstram uma relação baseada em insultos e ódio mútuo, inclusive com os empregados. Lockwood fica preso na casa em consequência de uma tempestade e é levado para um quarto que não deveria ser usado. Neste momento toma conhecimento, junto com o leitor, de uma das personagens centrais da obra: Catherine Earnshaw.

Após ler velhos diários que encontrou nos aposentos, Lockwood recebe a visita da moça em uma forma fantasmagórica, clamando para que pudesse retornar à casa após 20 anos. Na intensa cena, Brontë (2017, p. 35) descreve que a aparição clamava: “ Voltei para casa. Perdi-me na charneca”

A visão perturba Lockwood e mais ainda Heathcliff, que após saber do ocorrido, chama pelo fantasma como se sua vida dependesse daquele contato. Encasquetado com toda a situação testemunhada, Lockwood retorna a Thrushcross Grange e indaga a criada, Nelly Dean, sobre a história da família. A partir deste momento, inicia-se uma narração dentro de outra, na qual a Sra. Dean, que desde jovem trabalhava com a família Earnshaw detalha minuciosamente a jornada na família Earnshaw até aquele momento tão grotesco e decadente, destacando os personagens de Heathcliff e Catherine, que tanto intrigaram Lockwood.

O arrendatário funciona neste momento como um meio para que o leitor conheça a história, através dos relatos de Nelly Dean, que estava presente durante os principais acontecimentos que permearam a família, conforme informa: “Estava sempre pela herdade, pronta a fazer o que me mandassem” (BRONTË, 2017, p. 46). A Sra. Dean inicia seu relato com a chegada do forasteiro Heathcliff, trazido pelo

velho Sr. Earnshaw, e a recepção de toda a família, principalmente dos filhos. Hindley, o mais velho e herdeiro da família, desprezou Heathcliff desde o início, mas Catherine desenvolveu com o jovem uma relação de companheirismo que logo se tornou uma obsessão mútua e selou o destino de todos os envolvidos por tais laços: “A Srta. Cathy e o intruso estavam agora muito unidos; Hindley porém o odiava! E, para falar a verdade, eu o odiava também.” (BRONTË, 2017, p. 48)

Após a morte do Sr. Earnshaw, Hindley herda a propriedade e transforma Heathcliff em um criado, mas a proximidade com Catherine continua, apesar das desavenças. No entanto, após um acidente, Catherine passa algumas semanas em Thrushcross Grange, propriedade da família Linton, mais estruturada e tradicional que os Earnshaw, e se aproxima dos filhos, Isabella e Edgar. Com esta estadia, Catherine transforma-se no ideal de uma jovem aristocrata da época, visto que anteriormente seu comportamento era considerado selvagem. Tal mudança é celebrada pela família, mas muda sua relação com Heathcliff. Nelly relata:

Assim, em vez de nos saltar dentro de casa uma jovem selvagem, sem chapéu, sufocando a gente com abraços, apeou-se de um lindo pônei preto uma moça distinta de caracóis castanhos caindo sob um chapéu de castor emplumado (BRONTË, 2017, p. 65).

O jovem Edgar Linton pede a mão de Catherine em casamento e a jovem mesmo aceitando, admite para Nelly a diferença de seus sentimentos por Linton e Heathcliff, admitindo que ama o jovem adotado, mas que sua união significaria desgraça. Heathcliff escuta a história e foge, desaparecendo por três anos. A conversa entre Nelly e Catherine é um dos momentos de maior importância, da obra, no qual a jovem admite seus sentimentos, mas revela também suas dúvidas e a sua condição como mulher, que por depender de um casamento benéfico, não pode seguir seu verdadeiro amor, afirmando que caso se juntasse em matrimônio com Heathcliff, estariam degradados (BRONTË, 2017, p. 96).

Ao final deste período, Heathcliff aparece rico para uma Catherine recém casada e transforma novamente a vida de todos ao seu redor. Além de dominar Hindley Earnshaw, que vivia em decadência, endividado, Heathcliff também se aproxima novamente de Catherine, trazendo conflito no casamento com Linton.

O jovem, como parte de seu plano de vingança pelos acontecimentos do passado, atrai e foge com Isabella Linton e vai morar em Wuthering Heights, fato

que traz mais tensão à relação entre os personagens. O casamento é sem amor e Heathcliff comete atrocidades com Isabella, que é mais uma personagem feminina vítima de uma hierarquia social patriarcal e que se envolve em conflitos com quem não tinha nenhuma relação ou obrigação a princípio.

O casamento com Isabella era só um dos meios de vingança preparados por Heathcliff, mas a jovem fica grávida e por não aguentar as atrocidades cometidas pelo marido e outros moradores da casa, a jovem foge novamente. Neste meio tempo, Catherine fica muito afetada por toda a confusão que envolve sua teia de relações e adocece, sem saber que estava grávida, dando a luz pouco tempo depois e falecendo:

Pelas doze horas daquela noite nasceu a Catherine que o senhor conheceu em Wuthering Heights, franzina criança de sete meses. Duas horas depois a mãe se finou, sem tornar a sentir consciência suficiente para reclamar a ausência de Heathcliff ou reconhecer Edgar. (BRONTË, 2017, p. 189)

Os anos passam e Linton cria, com a ajuda de Nelly, a filha, chamada Catherine em homenagem à mãe. Isabella morre distante da família e seu filho, Linton Heathcliff é enviado para morar com os únicos parentes vivos. Heathcliff, o pai, decide criar o filho em Wuthering Heights, onde vive com Hindley, decadente e dependente de Heathcliff, e Hareton, o herdeiro da propriedade que teve uma criação tão grotesca e insalubre, que se vê submisso a Heathcliff.

Quando a pequena Catherine está com 18 anos, morando com seu pai doente, volta a se aproximar de seu primo, também com saúde abalada, em uma trama orquestrada por Heathcliff para juntar os jovens, pois sabia que a morte de seu filho era uma certeza futura e, com o matrimônio, Heathcliff seria o senhorio de ambas as propriedades. Com seus hábitos violentos e sua sede de vingança, Heathcliff consegue atrair Nelly e Catherine para Wuthering Heights, obrigando o casamento, sem que elas possam impedir. O jovem Linton perece pouco depois, e Catherine fica presa no casarão, viúva e sem poder demonstrar sua vontade, principalmente após a morte do seu pai.

A narrativa de Nelly só continua após certo período, pois o ouvinte, Sr. Lockwood, deixa a propriedade que tinha arrendado, mas retorna meses depois para ver como estavam os moradores daquelas propriedades e como a trama em que estavam envolvidos evoluiu.

Lockwood surpreendido pela notícia da morte de Heathcliff, detalhada por Nelly: o homem estava perseguido por algo que somente ele via, e que muito o afetava, e um dia o encontraram morto. A partir disso, a vingança há muito planejada e executada chegava ao fim e os moradores restantes de Wuthering Heights encontraram certa paz: Catherine e Hareton iriam se juntar em matrimônio e viver na propriedade que lhes cabia e Nelly os acompanhava.

Assim como no início da obra, Emily Brontë insere no derradeiro ato de Heathcliff aspectos sobrenaturais característicos da literatura gótica, com uma aparição nunca descrita, mas que atormenta o protagonista de uma maneira intensa, e também após a sua morte, quando descreve que estava possivelmente assombrando as terras próximas, junto com uma jovem, que podemos entender ser Catherine Earnshaw. A presença da personagem, mesmo com o seu falecimento no meio da história, é constante, seja por lembrança ou por aparições sobrenaturais, deixando claro a sua importância e seu papel na trama.

4. METODOLOGIA

O objetivo desta seção é apresentar a metodologia desta pesquisa, inserida na linha de pesquisa de Literaturas de Língua Estrangeira e baseada em análise contextual, discursiva e linguística de excertos da obra “O Morro dos Ventos Uivantes, fundamentada na perspectiva dialógica da linguagem, através dos estudos bakhtinianos de Beth Braith e em outros estudos da Literatura, a serem apresentados a seguir. O presente trabalho tem por objetivo a análise de Catherine Earnshaw e Nelly Dean, duas personagens da obra “O Morro dos Ventos Uivantes”, de Emily Brontë, sob as óticas de gênero e classe social e apresenta como metodologia a pesquisa bibliográfica com delineamento “revisão de literatura”.

Para a interpretação dos dados selecionados, este projeto está embasado nos estudos de Literatura Feminina de Virginia Woolf (2019), que escreveu sobre as condições da mulher escritora em diferentes épocas e aprofundou sua visão sobre a obra de Brontë em um reconhecido ensaio, que reflete a visão de Woolf como crítica e escritora mulher, Análise Social da obra, a partir dos escritos de Terry Eagleton (2005), que apresentou uma análise marxista do livro de Emily Brontë, bem como das obras de suas irmãs e estudos feitos por pesquisadores da área das letras dedicados à obra de Brontë, como Dias (2011) e Paiva (2019). A bibliografia selecionada será utilizada em conjunto com o livro de Emily Brontë, para que seja possível compreender os aspectos da obra destacados neste estudo a partir do livro em si.

4.1 Perspectiva dialógica

Conforme explanado anteriormente, esta pesquisa também será fundamentada na perspectiva dialógica, a partir dos estudos bakhtinianos de Beth Brait, como ferramenta para alcançar os objetivos pontuados.

Em seu artigo “Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise” (2006), Brait introduz alguns dos principais conceitos desenvolvidos pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (1895-1975) e seu círculo sobre as diferentes análises sobre os componentes da linguagem.

Em meio às teorias sobre as formas de produção de sentido, sobre textos e discursos, constata-se que o pensamento bakhtiniano, em suas múltiplas faces, aflora de maneira eloqüente, múltipla, generosa, sugerindo caminhos para a leitura e interpretação do homem contemporâneo, de suas atividades, das linguagens que identificam seu estar e atuar no mundo (BRAIT, 2006, p. 48).

A relevância dos estudos bakhtinianos são destacados pela autora, que discorre sobre como os estudos desenvolvidos por Bakhtin ainda ocupam um papel importante nos estudos da linguagem, ainda que passados mais de um século desde que foram desenvolvidos. A autora denota que Bakhtin e outros intelectuais, com as mais diversas formações construíram uma sólida posição diante da linguagem, conseguindo dialogar com a linguística, o formalismo, a psicologia, a filosofia e o marxismo ortodoxo (BRAIT, 2016, p.1). Para ela:

Pensar o homem, as culturas, a produção do conhecimento, as particularidades das atividades humanas, o papel da linguagem e das interações sociais na construção dos sentidos, a alteridade como condição de identidade, por exemplo, são algumas das possibilidades oferecidas pelas reflexões bakhtinianas e que certamente interessam às teorias da literatura e das artes em geral, assim como às abordagens críticas e reflexivas da linguagem cotidiana em suas múltiplas manifestações e variados planos de expressão (BRAIT, 2006, p.48)

A autora também destaca o método de estudo da língua, descrito por Bakhtin em sua obra “Marxismo e filosofia da linguagem” (1997), no qual o autor estabelece o seguinte procedimento:

Disso decorre que a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual (BAKHTIN, 1997, p. 124 *apud* BRAIT, 2006, p. 50).

Diante disso, os estudos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin e seu Círculo são de suma importância para a análise aqui objetivada. A obra máxima de Emily Brontë deverá ser analisada de maneira profunda, através não somente de seu enredo,

mas do discurso empregado aos seus personagens, que refletem o contexto em que se encontram. A escolha lexical, a colocação das frases e o desenvolvimento dos diálogos e da narração, além do contexto social e a construção dos personagens, são todos aspectos valiosos para o entendimento do discurso expresso por Brontë em seu livro, reforçando a máxima de Bakhtin: “A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN, 1997, p. 124 *apud* BRAIT, 2006, p. 49).

5. AS RELAÇÕES DE CLASSE SOCIAL NAS PERSONAGENS CATHERINE EARNSHAW E NELLY DEAN

Em “O Morro dos Ventos Uivantes”, Emily Brontë apresenta uma notável diferença de posição social através de Heathcliff, adotado, vindo de origens incertas, e repudiado pela sociedade britânica tradicional. Para Dias (2011, p. 197): “Considerações acerca do status da classe frequentemente estão por trás das motivações de personagens em O morro dos ventos uivantes”. Desse modo, é possível observar que a exposição das relações de classe social na obra de Brontë não se resume somente ao protagonista masculino: as mulheres também estão sujeitas às posições sociais e estas relações são expostas através das funções, das escolhas matrimoniais e das diferenças de relações familiares.

Na Era Vitoriana, a classe social não era dependente apenas da quantidade de dinheiro que uma pessoa tinha; ao invés disso, a fonte de renda, o nascimento e as relações da família tinham um papel fundamental para determinar a posição social de alguém na sociedade. E, significativamente, muitas pessoas aceitavam seu lugar na hierarquia, como os criados dos Earnshaw e dos Linton. Além de dinheiro, modos, maneira de falar, vestuário, escolaridade e valores revelavam a classe social do indivíduo (DIAS, 2011, p.190 *apud* WASOWSKI, 2001).

A primeira diferença observada se dá nos dois núcleos familiares principais da história, os Earnshaw e os Linton. A primeira família, apesar de detentora de propriedades e condições de pagar empregados e manter a instrução dos filhos, não tinha título de nobreza e eram os principais responsáveis pelo trabalho na propriedade. Os Linton por sua vez representam uma aristocracia tradicional de grandes proprietários de terra sem depender das relações de trabalho, apesar de também serem destituídos de títulos de nobreza (GAMBAROTTO, 2016, p. 94).

Ao primeiro contato com a mansão dos Linton, Thrushcross Grange, Heathcliff descreve para Nelly, maravilhado, a bela sala, os móveis e os lustres (BRONTË, 2017, p. 60), mas é impedido de entrar pelos proprietários, por sua condição de orfão, estrangeiro e empregado. Catherine, por sua vez, acidentada, é bem recebida pelos Linton, por se assemelhar mais à aristocracia tradicional inglesa do que seu companheiro. Ainda assim, a mansão e o estilo de vida dos Linton é algo que Catherine almeja ter, mas não tem em *Wuthering Heights*.

A propriedade dos Linton é o espaço onde a ordem, a preservação do status de classe e da nacionalidade mantêm-se estáveis, uma vez que é um espaço sobre o qual a identidade inglesa é preservada e impõe-se sobre os que ali se achegam (DIAS, 2011, p. 202).

Segundo Paiva (2019, p. 90), o século XIX permitiu uma relativa liberdade na escolha do cônjuge, mas tal liberdade acontecia majoritariamente nas famílias proletárias, visto que nos núcleos familiares tradicionais burgueses, houve permanência dos casamentos arranjados pelos pais. Em “O Morro dos Ventos Uivantes”, cuja narrativa principal se passa nas últimas décadas do século XVIII, Catherine decide se casar com o herdeiro da família Linton. A decisão tomada por Catherine, de se casar com Edgar Linton e não com Heathcliff, é baseada em um pensamento de ascensão social incumbido às jovens mulheres da aristocracia inglesa, que eram pressionadas a conseguir um casamento seguro e colocavam o futuro promissor e o bem-estar econômico à frente do amor idealizado (DIAS, 2011, p. 225). Como ela mesma descreve para Nelly, ao justificar aceitar o pedido de casamento: “E porque ele há de ser rico, e eu vou ser a senhora mais importante destas redondezas, e me sentirei orgulhosa do meu marido” (BRONTË, 2017, p. 94). Neste momento da narrativa, Nelly questiona as decisões de Catherine e a jovem desabafa:

E se o maldito homem que mora nesta casa não houvesse rebaixado tanto Heathcliff, eu nem pensaria em me casar com Edgar. Se eu agora me casasse com Heathcliff, seria uma degradação; e, por isso, nunca há de ele saber do amor que eu lhe tenho (BRONTË, 2017, p. 96).

Para Eagleton (2005, p. 101, trad. nossa)¹, a decisão de Catherine é o momento central do romance e o catalisador da tragédia, e desse modo, é impossível ignorar que o ponto crucial da obra de Brontë trata do social. Dias (2011, pg. 190) leciona que: “Em virtude disso, os indivíduos são, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em situações distintas”. Sobre a declaração que Catherine faz a Nelly, é válido agregar a interpretação de Paiva (2019, p. 93): “A explicação para Nelly

¹ That choice seems to me the pivotal event of the novel, the decisive catalyst of the tragedy; and if this is so, then the crux of *Wuthering Heights* must be conceded by even the most remorselessly mythological and mystical of critics to be a social one

Dean, a saber, que viver esse amor com o cigano faria deles dois seres sem posses – consequentemente sem identidades – , põe em evidência os efeitos da propriedade privada instituída”. Assim, na obra de Brontë, as atitudes de Catherine deixam claro as diferentes relações sociais daquele contexto descrito: se antes a jovem andava livremente pelas charnecas, se assemelhando ao ser irmão adotivo e objeto de seu afeto, que não era aceito por todos, após ter contato com a família Linton, mais tradicional do que a sua própria, Catherine se transforma em uma dama.

Em seu primeiro contato com Thrushcross Grange e com o que a propriedade representa, Cathy é contaminada pela ideologia de superioridade de classe e de raça, a qual é alimentada em seu retorno ao lar, uma vez que ela é descrita como mais branca: “Heathcliff não está aqui? – perguntou ela, tirando as luvas e mostrando uns dedos que haviam embranquecido extraordinariamente, na reclusão e na ociosidade” (BRONTË, 1971, p. 56 *apud* DIAS, 2011, p. 189).

Desse modo, a jovem que não se adequava às normas e tinha o desejo de crescer livre com seu companheiro tem, pela primeira vez, a percepção dos padrões tradicionais da sociedade inglesa naquela época. Catherine, no entanto, precisa mudar para alcançar tais padrões, mesmo sendo uma jovem branca, filha de proprietário de terra e cristã, a realidade dos Linton ainda é muito diferente do que conhece em *Wuthering Heights*.

Emily Brontë parece utilizar a personalidade de Cathy e as mudanças que ela sofre como um estudo de caso, uma exploração das restrições da mentalidade inglesa colonial e como ela se impõe sobre os indivíduos. A postura de Cathy e a maneira como se sente em relação a Heathcliff são alteradas para atingir os padrões dos seus pares. Ela muda suas concepções anteriores – embora não completamente - em favor da adquirida no tempo em Thrushcross Grange (DIAS, 2011 p. 189).

As convicções de Catherine sobre sua igualdade com o irmão adotivo não são destruídas pelo desejo de ascensão social, como pontua Dias (2011, p. 189) e tal comportamento é perceptível antes mesmo de casar, quando a jovem não consegue conceber a ideia de separação de Heathcliff, e prefere perder a possibilidade de se tornar a nova Sra. Linton (BRONTË, 2017, p. 97). Quando Heathcliff retorna, após desaparecer por três anos e Catherine já se encontra

casada, ela novamente se equipara ao jovem durante o reencontro, ao pedir para Nelly colocar cadeiras para Edgar e Isabella Linton, que são fidalgos e outras para ela e Heathcliff, que são ralé (BRONTË, 2017, p. 112).

Nessa perspectiva, é possível dizer, principalmente quando se considera a fala e a postura de Cathy acima (ao se considerar parte da plebe com Heathcliff), que a experiência que teve ao migrar para Thrushcross Grange - associada a isso, seu desejo de ascender socialmente, bem como sua fuga do perturbador nível de identificação com Heathcliff e do que isso significava para ela e para seus compatriotas – não foi suficiente para a personagem fugir de si mesma nem do que isso implicava. Cathy, mesmo assumindo a identidade de uma mulher branca inglesa, não conseguiu tornar-se uma Linton; não foi capaz de absorver completamente as ideologias imperialistas acerca da suposta superioridade racial inglesa; não perdeu a compreensão que tinha acerca da sua identificação com Heathcliff (DIAS, 2011, p.190).

Neste aspecto, é possível perceber que Catherine, mesmo casando com Edgar Linton e entrando para uma família mais tradicional, não conseguiu se apropriar das ideologias imperialistas daquela nova realidade e não perdeu a identificação com Heathcliff (DIAS, 2011, p. 190). A origem de Catherine era livre, não afetada pelas pressões sociais que a rondavam, e esta identidade não conseguiu ser totalmente abandonada, mesmo após o casamento benéfico que a transformou em uma dama.

Catherine passou a desejar aquela condição somente após o primeiro contato com os Linton, que abalou a redoma sob a qual se escondia com Heathcliff e seu conhecimento de mundo até então. Em certo momento da narrativa, abalada pelo drama entre Heathcliff e Linton, a jovem expõe: “Queria ser de novo menina, meio selvagem, atrevida e livre! Rindo quando me ofendiam, em vez de ficar louca por causa de uma injúria! Por que mudei tanto?” Percebe-se então que a personalidade de Catherine em *Wuthering Heights* nunca deixou de existir, mesmo com todas as mudanças impostas, e que mesmo já adulta, ela ainda clamava pelo tempo em que poderia ser verdadeiramente livre. Dias (2011, p. 191) leciona que:

Cathy permaneceu o outro naquele espaço que representava o oposto do que ela, de fato, havia sido durante toda a sua vida: um indivíduo que agia de modo livre das imposições culturais que lhe cercavam e ditavam quem ela deveria ser – mesmo não conseguindo levar essa postura adiante até o fim de sua vida, o que lhe fez entrar em conflito consigo e com a sociedade que lhe impunha um comportamento com o qual ela não foi capaz de conviver.

Paiva (2019, p. 93) apresenta uma visão de classe e capital sobre a escolha matrimonial de Catherine e como sua vida é afetada por isso:

A lógica do capital é soberana na composição dessa personagem que, durante a infância, é arredia, impulsiva, livre, porém, quando jovem se torna uma mulher domesticada por um sistema e todos os valores que ele imprime nos comportamentos e mentalidades

Dessa forma, a escolha da jovem feita com base no que era imposto pela sociedade em que estava inserida influenciou para sempre sua vida e selou seu destino: ao ser colocada frente a uma decisão final, Heathcliff ou Linton, Catherine sucumbe a uma doença e morre pouco depois de dar à luz. Eagleton (2005, p. 101, trad. nossa)² aponta que Heathcliff denuncia a escolha de Catherine de trocar sua identidade autêntica por privilégio social, chamando de suicídio espiritual e assassinato. Nos momentos de agonia da amada, o jovem questiona: “*Por que me desprezou: Por que traiu seu coração, seu próprio coração, Cathy?*” (BRONTË, 2017, p. 185).

O destino trágico de Catherine encontra seu fim ainda no meio da narrativa, mas uma personagem conhece a história desde o início e cai sobre ela a responsabilidade de contá-la, para o forasteiro Sr. Lockwood e para os leitores: Nelly Dean. A personagem é introduzida após as desventuras do Sr. Lockwood em Wuthering Heights, como criada da propriedade a qual ele é arrendatário, Thrushcross Grange. Ao contar o que se passou em sua visita à propriedade de Heathcliff, Lockwood fica curioso com a história daquela família e as origens dos personagens e descobre que Nelly Dean era criada lá. Portanto, a mulher começa o relato de todos os eventos que definiram o destino das famílias Earnshaw e Linton. No entanto, a narrativa de Nelly é voltada majoritariamente para os membros das famílias e pouco se sabe sobre ela, somente que sua mãe era criada dos Earnshaw e que a jovem Nelly cresceu junto das crianças Earnshaw até ter também um posto de trabalho.

Wasowski (2001) comenta que não era comum levar alguém da classe trabalhadora para a média baixa ou alta. Um exemplo disso é Nelly, que foi criada com as crianças Earnshaw, mas ao crescer compreendia seu lugar

² Even so, the perverse act of *mauvaise foi* by which Catherine trades her authentic selfhood for social privilege is rightly denounced by Heathcliff as spiritual suicide and murder

abaixo delas na estrutura social (WASOWSKI, 2001 *apud* DIAS, 2011, p. 147).

Durante a narrativa, o leitor descobre mais algumas coisas sobre a personagem, mas de uma maneira muito superficial, diferente do aprofundamento sobre os outros personagens que ela mesmo faz. Nelly Dean divide a função de narrar com o Sr. Lockwood, representando uma classe social considerada inferior, de trabalho braçal (DIAS, 2011, p.145 e 147). Sobre a condição dos trabalhadores, como Nelly, Paiva (2019, p. 67) pondera que os funcionários da casa trabalham exaustivamente e que no período em que se passa a história, a propriedade privada já está instituída e o modo de vida burguês instalado no país. Assim, as pessoas vivem ilhadas do convívio social nas propriedades. Dias (2019, p. 155) destaca a escolha feita por Brontë de dois narradores de classe e gênero diferentes, Nelly e Lockwood, utilizadas por Brontë como emblemáticas para o conflito da obra.

Lockwood e Nelly representam mundos distintos assim como o mundo inglês de Cathy, que se considera superior, e o mundo que Heathcliff representa, o qual é considerado inferior pelos ingleses. Os narradores apresentam, portanto, dois pontos de vista diferentes: ele, um representante do saber hegemônico (como Cathy), e ela, uma criada, com pouca instrução (como Heathcliff) (DIAS, 2011, p. 155).

Nelly Dean parece conformada com sua posição dentre os núcleos destacados: cresceu com as crianças da aristocracia, mas logo deve um papel de criada designado, trabalha não por liberdade e independência, mas por necessidade, em consequência de sua classe social inferior, é confinada pelo trabalho doméstico, mas, por ter crescido na propriedade, tem certas liberdades (DIAS, 2011, p. 233). Nelly transita de maneira natural entre diversas funções dentro das propriedades, passando de cozinheira a ama de leite do jovem Hareton sem questionar. Posteriormente, muda de propriedade para acompanhar Catherine após o casamento e ajuda na criação da pequena Catherine após a morte da mãe. A personagem funciona como uma figura materna em uma história em que todas as mães encontram um destino trágico. Nelly é vista como uma figura materna até mesmo por Catherine e Heathcliff, mesmo não sendo muito mais velhas que eles (DIAS, 2011, p. 233). Há um interessante diálogo logo após o nascimento de Hareton e a doença da esposa de Hindley, Francis, em que é visível a naturalização da mudança de funções de Nelly, quando outra criada da propriedade pontua: “Você

vai ter que cuidar do bebê, Nelly. Dar-lhe açúcar e leite e cuidar dele noite e dia. Queria estar no seu lugar, porque ele vai ser todo seu quando a patroa se for! (BRONTË, 2019, p. 92). Sobre esta passagem:

A naturalidade com que Nelly Dean transforma-se em ama de leite e, no limite, mãe postiça do órfão Hareton sinaliza um aspecto de vida na propriedade dos Earnshaw observado por Terry Eagleton em *Myths of Power* (1975): a organização familiar como estrutura a um só tempo econômica e natural, com a conseqüente naturalização das relações de propriedade e a instrumentalização dos laços de sangue. Desse modo, a perspectiva dos fatos, administrada pela própria criada dos Earnshaw, ganha o horizonte de um indivíduo que encarna a ambigüidade desse ambiente: uma mulher que, ao assumir o lugar funcional da “patroa”, vê seu trabalho se naturalizar a ponto de se tornar parte da propriedade em que vive. Enquanto figura estranha à família Earnshaw - chegada à propriedade com a mãe, ama de Hindley e Catherine, e nela permanecendo após sua morte como irmã adotiva do casal - Nelly guarda similaridade de origem com Heathcliff (EAGLETON, 1975 *apud* GAMBAROTTO, 2016, p. 92).

As similaridades de Nelly com Heathcliff, porém, não impedem que a personagem canalize os preconceitos da Inglaterra imperialista em relação ao jovem de pele escura e origens incertas. Nelly admite que não gostava de Heathcliff e em diversos momentos de sua narração, quando relata que não entende o apego do Sr. Earnshaw com o menino, que não apresentava sinal de gratidão e era insensível ao seu benfeitor (BRONTË, 2017, p. 49). Ainda assim, em um momento específico, no qual Heathcliff confessa que queria ter a aparência de Edgar Linton, Nelly o consola:

Você até parece um príncipe disfarçado. Quem sabe seu pai não é o imperador da China e sua mãe uma rainha indiana, e tão ricos ambos que cada um poderia comprar com seus rendimentos de uma semana Wuthering Heights e Thrushcross Grange (BRONTË, 2017, p. 70).

Nesta conversa, Nelly apresenta uma opinião que vai contra a ideologia de superioridade inglesa, quando sugere que as origens incertas do jovem podem significar que é descendente da nobreza de algum país longínquo e sua visão se mostra subversiva ao ir contra o pensamento geral das pessoas de seu meio (DIAS, 2011, p. 165 e 166). Como previamente delineado, a criada é usada por Brontë como narradora representante de uma classe social mais baixa, em conflito com o Sr. Lockwood, que aparentemente vem de uma classe abastada. Mas, mesmo aceitando a sua condição, Nelly apresenta outro aspecto subversivo em sua narração, por não gostar de seus patrões, tampouco de Heathcliff, como

demonstrado anteriormente. Nelly Dean em diversos momentos critica as atitudes de Hindley e Catherine e não esconde seu desprezo nem teme a raiva aflorada dos patrões, ainda que pague por isso com insultos e agressões física, o que pode ser visto em determinada passagem na qual Nelly desobedece as ordens de Catherine e leva, em suas palavras “um bofetão sonoro que me encheu os olhos de água” (BRONTË, 2017, p. 85).

Assim, Nelly Dean se apresenta como uma figura chave na obra, sendo a porta de entrada para Wuthering Heights e Thrushcross Grange para o Sr. Lockwood e o leitor, dando uma percepção mais complexa sobre a realidade escrita por Emily Brontë e tornando mais perceptível o conflito de classes explorado na obra.

6. O MORRO DOS VENTOS UIVANTES SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO

O Morro dos Ventos Uivantes se passa entre as últimas décadas do Século XVIII e os primeiros anos do Século XIX, refletindo o contexto da Inglaterra daquele período nas relações entre os personagens, no comportamento e na própria narrativa, mas trazendo discussões que perpetuam nos estudos literários da contemporaneidade. A obra de Emily Brontë se destaca por ter sido escrita por uma mulher, em um período que escritoras encontravam maiores dificuldades para terem seus trabalhos aceitos e estavam aos poucos criando uma tradição literária, após tanto tempo proibidas. Woolf (2019, p. 12) disserta que:

Mesmo no século XIX, uma mulher vivia quase exclusivamente em sua casa e em suas emoções. E esses romances do século XIX, embora sejam tão extraordinários, foram profundamente marcados pelo fato de as mulheres que os escreveram serem excluídas, por seu sexo, de certos tipos de experiência.

Desse modo, a problematização destas questões se faz presente na obra de Brontë, como pontos cruciais a serem desenvolvidos. Sobre os estudos de gênero, de uma maneira geral, Paiva (2019, 87) destaca que:

Embora existam esforços, ainda não foram localizados na história e na cultura momentos exatos ou estruturas que estabelecem hierarquia de gêneros. Na contemporaneidade, existe a produção de deslocamento crítico dos gestos universalizantes de opressão, à medida que surgem novas contestações da opressão.

Assim, a obra de Brontë serve como objeto de estudos por trazer um leque de personagens femininas complexas que enriquecem a narrativa e contribuem para discussões e análises sobre as questões de gênero na literatura, em consequência da maneira que foram desenvolvidas e das situações às quais estavam submetidas.

No romance de Brontë, um estudo sobre as relações de gênero mostrará que a autora denuncia tanto as angústias femininas quanto propõe conquistas para as mulheres, e ainda discute a incapacidade de mulheres de se rebelar e lutar por seus direitos e desejos. (DIAS, 2019, p. 220)

No livro de Brontë, é apresentada uma gama de personagens femininas que, dentro de contextos sociais distintos, são oprimidas por seu gênero de diversas

maneiras, em diferentes ambientes. Dias (2011, p. 224) pontua que na obra de Brontë a posição de um indivíduo de “raças escuras”, no caso Heathcliff, é análoga à posição doméstica das mulheres, pois ambos sofrem repressão, limitação e confinamento pelas ideologias patriarcais e imperialistas. Dias também reitera que a obra foi escrita em um momento de grandes transformações sociais, como a grande fome e a Revolução Industrial.

Emily Brontë distribui seus personagens em dois núcleos familiares já explorados nesta pesquisa: os Earnshaw e os Linton, considerando também os empregados. Segundo Dias (2011, p. 232): “Brontë retrata também três gerações de mulheres que sofrem com as demandas da sociedade patriarcal e imperial a qual lhes impõe cobranças diferentes das apresentadas aos homens”. Ambas as famílias apresentam figuras femininas importantes para o andamento da narrativa e que sofrem repressão por seu gênero, dentre estas, Catherine Earnshaw e Nelly Dean. As duas personagens crescem juntas e têm idades próximas, mas são apresentadas com diferenças bem delineadas, principalmente por influência da posição social. Contudo, esse fato não impede que ambas sofram repressão em consequência do seu gênero, dentro de sua própria classe social.

Em uma realidade em que as mães encontram destinos trágicos e poucas sobrevivem após o nascimento dos filhos, Nelly Dean funciona como uma figura materna para as personagens. Desde a morte da Sra. Earnshaw, personagem feminina sem grandes momentos na obra, reduzida somente ao sobrenome do marido (DIAS, 2011, p. 232), Nelly passa a cuidar dos jovens Heathcliff e Catherine e assim continua com as próximas gerações: cuida de Hareton após a morte de Francis e da jovem Catherine Linton após a morte da mãe, de quem já havia cuidado. Nelly demonstra se conformar com suas funções dentro do núcleo dos Earnshaw, com poucos questionamentos, como mostrado no capítulo anterior. Dias (2011, p. 155) aponta que a personagem nunca descreve nenhum tipo de relacionamento amoroso de sua parte. Também sabemos pouco de sua vida, pois toda a narrativa do livro se baseia na história de seus patrões e pouco conta sobre si para além do que seja necessário para a história.

Além disso, em determinado momento, Isabella Linton escreve uma carta para Nelly com a seguinte pergunta: “Como conseguiu proteger a sua sociabilidade normal de criatura humana enquanto morava aqui?” (BRONTË, 2017, p.158), mostrando a impassividade de Nelly diante das situações que tanto afetam outros

personagens; como Dias (2011, p. 195), em *Wuthering Heights* ela preenche o vazio de sua vida solitária, sendo a figura materna que resiste às intempéries do tempo.

Catherine Earnshaw, por sua vez, é descrita em sua juventude como “levada da breca, um diabrete” (BRONTË, 2017, p. 52). Mesmo que em sua descrição da menina, Nelly Dean destaque seu olhar alegre, sorriso meigo e que não tinha intenção de fazer mal às pessoas (BRONTË, 2016, p. 52), seu comportamento, considerado selvagem, era reprimido pela maioria das pessoas ao seu redor. Seu pai dizia que a filha era pior que o irmão (BRONTË, 2017, p. 53) e antes de morrer, em um momento que divide um pequeno carinho com a jovem, o Sr. Earnshaw indaga “Por que tu não és sempre boazinha, Cathy?” (BRONTË, 2017, p.54). Portanto, sua intensa identificação com Heathcliff se dá também pelo fato de que ele também era criticado, e ambos se aceitavam como eram e prometiam que iam crescer como selvagens (BRONTË, 2017, p. 58).

Já Cathy, segundo Wanderley (1996, p. 101), possui “[...] uma espécie de selvageria que não é, aliás, privilégio apenas seu, mas de muitas personagens desse livro, meio enlouquecidas por paixões tão poderosas quanto primitivas”. Wanderley afirma que Cathy “[...] exprime um comportamento desviante em relação a suas conterrâneas e contemporâneas” (WANDERLEY, 1996, p. 101 *apud* DIAS, 2011, P. 233).

Todavia, o comportamento de Catherine muda drasticamente, pelo menos de maneira superficial, após seu primeiro contato com a família Linton, quando as obrigações feitas a moças de sua classe para arranjar um bom casamento entram em sua vida. Após passar algumas semanas com a família Linton, Catherine retorna a *Wuthering Heights* transformada em uma dama, comportamento esperado para jovens da aristocracia da época. Tal mudança é celebrada por seu irmão que afirma que “agora sim, parece uma senhora” e por sua criada, que reprime Catherine para não voltar à selvageria (BRONTË, 2017, p. 65). Contudo, esse novo comportamento muda a relação de Catherine com Heathcliff, que nesse momento está reduzido a criado, constantemente humilhado. Portanto, com a entrada dos Linton em sua vida, cria-se a expectativa de um matrimônio benéfico para Catherine Earnshaw.

Com as relações estreitas com os Linton, Catherine tem que se portar como uma dama e não retornar à selvageria que lhe era comum. No entanto, o comportamento livre de Catherine nunca deixou de estar presente, somente ficando escondido quando seus novos amigos estavam próximos. Ao analisar o espaço na

obra de Brontë, Dias (2011, p. 195) destaca que *Wuthering Heights* representa as raízes de Catherine, onde, até certo ponto, pode ser quem é. Em certo momento, Catherine e Nelly entram em um conflito na presença de Edgar Linton, no qual a criada provoca a jovem até que ela demonstre seu verdadeiro gênio, ao partir para uma atitude violenta.

Catherine conservara suas relações com os Lintons depois da estada de cinco semanas passada em casa dele; e não se sentia tentada a lhes aparecer no seu aspecto mais rude. Tinha decerto vergonha de se mostrar incivil com quem lhe demonstrava tão invariável cortesia. [...] conquistou a amizade de Isabella e o coração e a alma do rapaz: aquisições que a desvaneceram a princípio, porque era por demais ambiciosa - e a obrigaram a sustentar uma dupla personalidade (BRONTË, 2017, p. 80 e 81).

Por consequência da entrada dos Linton em sua vida, cria-se para Catherine a expectativa de um casamento vantajoso, como era esperado para uma moça de sua classe. Assim, a jovem que antes queria crescer selvagem, é pressionada pelos ideais da época e cede ao comportamento imposto para mulheres como ela, tentando camuflar sua personalidade natural.

Segundo as estrutura elementares de parentesco, as mulheres são o objeto da troca que consolida e diferencia as relações de parentesco, sendo ofertadas como dote de um clã patrilinear para outro, por meio da instituição do casamento (PAIVA, 2019, p. 89).

Desse modo, ao receber a proposta de casamento de Edgar Linton, Catherine deve escolher entre a possibilidade de um casamento seguro e da ascensão social ou ceder aos seus sentimentos verdadeiros por Heathcliff. Sabendo dos riscos que corre se escolher a segunda opção, Catherine confessa para Nelly que aceitou o pedido de Linton, justificando que se casasse com Heathcliff ambos seriam miseráveis e que casando com Linton, poderia ajudar seu irmão adotivo e razão do seu afeto (BRONTË, 2017, p. 98). Neste ponto crucial da obra, Catherine revela seus sentimentos intensos por Heathcliff, ao confessar para Nelly: “Eu sou Heathcliff” (BRONTË, 2017, p. 98).

A decisão de Catherine acaba por alterar a vida de todos ao seu redor, pois faz com que Heathcliff desapareça por três anos e volte com ambições vingativas. Catherine, no entanto, teve de sucumbir às pressões sociais consequentes de seu gênero e classe, suprimindo as suas vontades. Por conta desta escolha, Catherine

não tem um destino feliz, principalmente após o retorno de Heathcliff trazer à tona uma nova escolha entre ele e Linton, com quem estava casada. Depois de casar, Catherine vive na mansão que pertence ao marido, mas aprisionada por não poder apresentar sua verdadeira essência, até o momento de sua morte, após muito conflito. Dias (2011, p. 236) destaca que o ultimato dado por Linton a Catherine, para escolher entre ele e Heathcliff, é uma imposição que força a personagem a rejeitar uma parte essencial de sua natureza, a necessidade de liberdade.

O que se percebe é que a casa paterna não é retratada como um espaço de aprisionamento, mas como um ambiente de segurança e proteção familiar, embora as mulheres estejam, de fato, ali aprisionadas pela estrutura patriarcal, como será debatido no próximo subcapítulo. A casa, enquanto referência patriarcal no romance, torna-se uma prisão quando é o lar das mulheres casadas – no caso, para as mulheres da segunda (Cathy, Isabella) e da terceira gerações (Catherine), nesse caso, as personagens têm consciência do seu confinamento (DIAS, 2011, p. 195).

As mulheres de O Morro dos Ventos Uivantes também sofrem com violências explícitas, física e psicologicamente, principalmente quando vítimas da ira e vingança de Heathcliff, conforme aponta Dias (2011, p. 170). Mesmo sendo um personagem oprimido por sua classe e origem, Heathcliff carrega a superioridade dada ao gênero masculino após conseguir ascender economicamente. O personagem mantém Nelly e Catherine, filha de Edgar Linton e Catherine Earnshaw, presas, sem poupar agressividade. Isabella Linton, porém, sofre diversas agressões e abusos após se casar com Heathcliff e viver com ele em Wuthering Heights, sendo obrigada a fugir e criar seu filho sozinha, até sua morte.

Isabella havia sido criada em um ambiente refinado em todos os aspectos. Mas, ao casar-se com Heathcliff, passa a ser oprimida pelo comportamento violento e cruel do marido e é privada do antigo estilo de vida. Desse modo, ela assume uma postura diferente daquela esperada de uma mulher de sua classe social, isto é, ela deixa de cuidar da própria aparência, descuida da higiene e dos modos, ou seja, no período que passa em O Morro dos Ventos Uivantes, ela termina por degradar-se, em certo sentido, diante do tratamento que recebeu do marido (DIAS, 2011, p. 150).

Desse modo, a perspectiva de gênero em O Morro dos Ventos demonstra que as personagens estão sujeitas a obrigações e repressões por conta de sua condição como mulher e tais obrigações e repressões são delineadas pelo seu posicionamento na sociedade. Tanto Nelly, quanto Catherine, sua filha ou Isabella estão sujeitas a situações que se impõe por serem mulheres em uma sociedade

estritamente patriarcal. Para Dias (2011, p. 200), Brontë descreve um ambiente com Catherine Linton, principalmente após a morte de Heathcliff, pois a jovem assume funções que não foram possíveis serem assumidas pelas mulheres que vieram antes na obra.

A mudança - no que se refere ao papel da mulher - dá-se principalmente após a morte de Heathcliff. Ao reencontrar Nelly, depois de sua partida de Thrushcross Grange, Lockwood toma conhecimento de que quem recebe o dinheiro dos pagamentos não é o jovem e agora proprietário, Hareton, mas sua futura esposa, Catherine, ou a própria criada Nelly

[...]

Ao ter Catherine assumindo funções tipicamente masculinas (ensinar Hareton a ler e administrar o recebimento do dinheiro que entra), Brontë sugere mudanças importantes. (DIAS, 2011, p. 200)

Dessa forma, Brontë finaliza a obra apresentando uma possível mudança naquele nicho social, coerente com as todas as mudanças que ocorreram naquele século e que a própria autora pôde testemunhar.

7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Na obra “O Morro dos Ventos Uivantes”, Emily Brontë escreveu uma história com personagens ricos e um enredo complexo, que continua instigando leitores até os dias atuais. A autora não reduziu somente ao enredo, ao gótico, ao romance intenso, mas integrou suas críticas sociais e sua visão de mundo de maneira natural à obra. Ao escrever sobre as irmãs Brontë, Virginia Woolf (2019, p.53) pontuou:

O sentido de um livro, que tantas vezes jaz à parte do que acontece e é dito, consistindo antes em alguma conexão diferente da que as coisas em si tiveram para o escritor, é necessariamente difícil de apreender. Sobretudo quando o escritor é poético, como ocorre com as Brontë, e seu sentido é inseparável da linguagem usada, sendo mais um estado de espírito do que uma observação específica

Desse modo, o livro de Brontë, publicado em 1847, traz uma infinidade de óticas e problemáticas que permitem a constante análise da obra, seguindo a máxima de Calvino (2007, p. 11) de que “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. A presente pesquisa propôs analisar as personagens Catherine Earnshaw e Nelly Dean sob as perspectivas de gênero e classe, focando na influência dessas óticas no contexto das personagens e qual dessas perspectivas prevalecia em cada uma.

Após as análises feitas aqui, com auxílio de estudos detalhados sobre a obra de Brontë, uma das considerações a serem feitas é que tanto gênero quanto classe social afetam não somente as personagens aqui estudadas, mas também outras personagens femininas brevemente mencionadas. Gênero e classe social estão intrinsecamente ligados e afetam a construção de ambas as personagens, suas escolhas e o final reservado para elas. Nelly Dean acumula funções nos lugares onde trabalha, inclusive a função de mãe substituta, naturalmente colocada para a criada solitária que trabalha por necessidade e não independência. Catherine sofre as pressões do matrimônio esperado para uma jovem de sua classe e, durante toda a obra, tem seu comportamento reprimido e sua essência considerada selvagem. Portanto, tanto gênero quanto classe social transitam entre as personagens e interferem em suas vidas dentro do contexto de cada uma. Tanto Catherine quanto Nelly estão sujeitas às imposições dessas duas óticas.

É como se Emily fosse capaz de estraçalhar tudo o que sabemos sobre os seres humanos e preencher essas transparências irreconhecíveis com tal rompante de vida que eles transcendem a realidade.

Em suma, Emily Brontë, de maneira magistral, reuniu uma gama de personagens em uma complexa teia de relações que além de relatar eventos intensos da narrativa, conseguiram trazer o contexto da época em que se passou, apresentando um mundo em transformação e um olhar crítico sobre a sociedade imperialista e patriarcal da época. Nas palavras de Virginia Woolf (2019, p. 55): “É como se Emily fosse capaz de estraçalhar tudo o que sabemos sobre os seres humanos e preencher essas transparências irreconhecíveis com tal rompante de vida que eles transcendem a realidade.”

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRAIT, Beth. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. In: **Gragoatá**, 11 (20), 30 de jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33238>. Acesso em 13 de mai. 2023.

BRONTË, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes**. 1. ed. São Paulo: Mediafashion, 2017.

BRONTË, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes**: edição comentada. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

CALVINO, Italo. **Porque ler os clássicos**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

EAGLETON, Terry; **Myths of Power: A Marxist Study of the Brontës**. Nova Iorque: Plgrave Macmillan, 2005.

DIAS, Daise Lílian Fonseca. **A Subversão das Relações Coloniais em O Morro Dos Ventos Uivantes: Questões de Gênero**, Tese (Doutorado em Letras), Departamento de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6161/1/arquivototal.pdf>. Acesso em 13 de mai. 2023.

GAMBAROTTO, Bruno, Notas, In: BRONTË, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes**: edição comentada. 1ª ed. São Paulo: Editora Zahar, 2016.

GASKELL, Elizabeth Cleghorn; **The Life of Charlotte Brontë**, 1870.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. **The madwoman in the attic**: the woman writer and the Nineteenth-century literary imagination. Boston: Yale University Press, 1984.

LACERDA, Rodrigo. Emily e sua obra prima. In: BRONTË, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes**: edição comentada. 1ª ed. São Paulo: Editora Zahar, 2016.

PAIVA, Kalina Alessandra Rodrigues de. **S. Bernardo dos Ventos Uivantes: um percurso marxista no calor da luta de classes**, Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/28344/1/SBernardoventosuivantes_PAIVA_2019.pdf. Acesso em 13 de mai. 2023.

WASOWSKI, Richard. **Cliffsnotes on Brontë's Wuthering Heights**. Nova Iorque: Cliffsnotes, 2001.

WANDERLEY, Márcia Cavendish. **A voz embargada**. São Paulo: EDUSP, 1996.

WOOLF, Virginia. **Mulheres e Ficção**, São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

